



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

A MEMÓRIA DAS MULHERES DO ASSENTAMENTO ERNESTO CHE GUEVARA E JOÃO BATISTA NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL: A TRAVESSIA NA LUTA PELA TERRA E ESCOLARIZAÇÃO

Cláudia Delboni – Doutoranda no programa de pós-graduação de História na Universidade Federal da Grande Dourados. Bolsista pela CNPq - claudiadelboni50@gmail.com

RESUMO

O objetivo do trabalho é tecer algumas considerações teóricas metodológicas, acerca do estudo de gênero como manancial de pesquisa e do uso da história oral de vida como possibilidade de confecção de fonte para a pesquisa histórica. Assim, tomamos as memórias coletadas junto as mulheres do assentamento Ernesto Che Guevara e João Batista - localizados no município de Sidrolândia, no Estado de Mato Grosso do Sul -, para tecermos algumas considerações, e dentre elas a constatação de uma presença recorrente nas histórias de vida narradas: nela vemos uma memória que salienta a luta pela escolarização como corolário da luta pela terra.

As reflexões presentes no artigo são parte da pesquisa de doutorado em andamento realizada junto à Universidade Federal da Grande Dourados, que tem como objetivo principal compreender o movimento de luta pela terra em curso no Estado de Mato Grosso do Sul, nos últimos cinquenta anos, assim como as portas abertas pelas - políticas públicas para mulheres assentadas.

Palavras-chave: Gênero, acampamento, Sidrolândia.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

INTRODUÇÃO

As reflexões presentes no artigo são parte da pesquisa de doutorado em andamento realizada junto à Universidade Federal da Grande Dourados, que tem como objetivo principal compreender o movimento de luta pela terra em curso no Estado de Mato Grosso do Sul, nos últimos cinquenta anos, assim como as portas abertas pelas políticas públicas para mulheres assentadas. A pesquisa tem como objetivo pensar o processo histórico que corrobora a construção das assimetrias de poder, e para isso tomaremos as mulheres assentadas como ponto de partida para se compreender a representação do masculino e do feminino construídas socialmente, e posteriormente pensar os poderes e os mecanismos sociais que legitimam seu silenciamento.

É a partir da tomada de gênero, enquanto categoria útil para análise histórica, que conduzirei as reflexões do artigo. É na perspectiva da historiadora Joan Scott que foi a precursora no uso da categoria na academia, assim como responsável pelo seu questionamento, mas por fim ratificada como categoria válida nos estudos históricos. Ou seja, para a autora é possível conceber a realidade social através do estudo de gênero, que para além de pensar a história das mulheres, os estudos buscam entender a dinâmica das relações entre homens e mulheres, socialmente construídas.

A opção teórica-metodológica de gênero vem para alargar o entendimento das relações sociais de maneira a explicitar as ligações entre gênero, poder e política. É possível tecer análises históricas a partir da observação das mulheres, no tange as questões macro estruturais, como política e economia. O cotidiano de que elas falam é

Com a perspectiva de escapar das generalizações que caracterizam os estudos sobre a participação das mulheres nos assentamentos rurais, delimitaremos a coleta da história de vida para as mulheres residentes no assentamento Eldorado I - Ernesto Che Guevara e o João Batista -, ambos criados no ano de 2006 e localizados no município de Sidrolândia.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Primeiramente, a pesquisa tem por objetivo analisar a participação das mulheres na luta pela terra nos assentamentos rurais, que vivenciaram a experiência da luta no acampamento. É no processo de travessia de saída das periferias das cidades, passando por longos períodos de acampamento em barracas de lona pretas ocorridos ao longo das últimas duas décadas, até a conquista do lote no assentamento, que iremos analisar as mudanças operadas nos papéis sociais designadas aos homens e mulheres camponesas.

É importante salientar que as mulheres entrevistadas participaram de um acampamento, que inicialmente chamava-se João Batista e se estabeleceu em meados de 2002, na estrada estadual que liga Sidrolândia a Anhaduí e Rio Brilhante. Com o passar dos meses, este foi recebendo diversos acampados oriundos de várias regiões do Estado, estabelecendo-se como o maior acampamento de sem terra estabelecido no município. Segundo relatos dos moradores, ele tinha aproximadamente dez quilômetros de extensão e contava com a presença de mais de quatro mil sem terra.

Também, as entrevistas revelaram que muitas mulheres já haviam passado por outros acampamentos, aliás, a primeira constatação feita na pesquisa de campo, foi a longa estadia nos acampamentos, muitas vezes maior que o período vivido nos assentamentos, que já contava com oito anos de história. Tanto que suas narrativas estão marcadas pela troca recorrente entre os termos acampamento e assentamento, muitas vezes, quando percebem que trocaram corrigem imediatamente, mas algumas ainda chamam o assentamento de acampamento.

A entrevista da assentada Luzenir é exemplo da profundidade de travessia que acampamento representou,

No dia dezesseis de março de 2005 tive a minha filha a Geise que está com nove anos. Quando ela estava com aproximadamente um ano e meio ela acompanhava nossa trajetória de ir e vir do acampamento, ela estava começando a andar, por que como ela era muito gordinha ela atrasou para andar.

Um dia estava tendo a distribuição de cesta no acampamento e o meu esposo estava ajudando a descarregar a cesta, também estava lá o pessoal de sindicato, tinha muitos de carro na beira da rodovia. Nesse momento também passou a Kombi que vendia pão, ela passava a cada dois dias e eu sempre comprava, guardava o dinheiro



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

para garantir o pão das crianças. Eu cruzei a rodovia para comprar pão, margarina e leite e as crianças estavam brincando de cavalinho no terreiro, e eu falei "*Jéssica, Lucas e Luana cuidem da Geisa que vou comprar o pão, pois o padeiro subiu*".

Também naquele instante estava vindo uma carreta da Zaelli, era baixada no asfalto e aquele trem vinha em alta velocidade sem freio, vinha buzinando e eu imaginava que ela estava buzinando para os rapazes, para o pessoal do acampamento que era muito grande: era duas mil e tantas famílias, era um cordão de um lado e do outro do naquele asfalto. Eu de costas para a carreta que vinha buzinando e de frente para o auto falante da Kombi anunciando o pão, eu estava recebendo o troco, com a sacola da compra nas mãos, até que eu ouvi um "*Mãe!*"

Neste momento eu olhei pra trás e era a Geisa no meio da rodovia e a carreta vinha em alta velocidade, não tinha como parar, eu me joguei na frente da carreta, larguei tudo que estava na mão e pulei para o outro lado do asfalto, mas eu peguei a menina, sei que tudo se esparramou no chão, pão, margarina, leite. Do outro lado do asfalto eu tremia, chorava, não conseguia me acalmar.

O motorista não conseguiu parar por que a carreta estava pesada e embalada, acho que estava carregada de frios. Passou buzinando e aquele vento da carreta, quase me puxou para traz. O rapaz da Kombi falou para o funcionário dele "*Está vendo o que uma mãe faz por um filho, quase morreu a mulher, dá para ela outro pão, margarina e leite que eu vou dar o troco para ela*", Ele não cobrou aquele que caiu, mas acabou a vontade de comer, eu fiquei traumatizada, eu não podia ouvir uma carreta buzinar a toa.

Aquele dia acabou a vontade de esperar um lote e eu falei "*Meu Deus até onde vai chegar meu desejo, meu sonho? Eu vou perder meu filho aqui. Olha sabe de uma coisa, eu vou embora antes que um filho meu morra aqui*".

O relato de Luzenir era o retrato vivo da longevidade do acampamento: desde criança perambulou por diversos municípios do Estado em barracas de lona ao lado da mãe no decorrer da década de 1980, em Baytaporã, Dois Irmão do Buriti, Anastácio, e como ainda morava em barraco dentro do assentamento Che Guevara, disse em tom de ironia "*Eu estou com 31 anos e costumo falar que até hoje não sei o que é morar debaixo de uma casa!*". Sua história é parte constituinte do amplo processo de luta pela terra que se instalou ao longo da década de 1990 no Estado de Mato Grosso do Sul.

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, uma vez que as histórias de vidas se constituem em um amplo manancial de pesquisa, que nos remetem a história da longa duração do conflito agrário no Estado do Mato Grosso do Sul. A fala das



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

mulheres entranhadas pelo cotidiano nos traz elementos para pensarmos o período da ditadura militar e a democracia nas suas experiências de vida, desde a infância até a fase adulta.

Até o momento foram registradas a história de vida de seis mulheres assentadas, duas do João Batista e quatro no Ernesto Che Guevara, além de quatro entrevistas temáticas, com antigos funcionários da fazenda. Assim o número de entrevista não será determinado pelos percentuais estatísticos que caracterizam as pesquisas quantitativas, mas sim pela metodologia da história oral que atrela o fim da pesquisa ao esgotamento dos temas, quando estes começam a repetir nas histórias de vida.

Portanto, procederemos à observação de dois assentamentos, criados no ano de 2006 para pensar o processo histórico da luta pela terra nos últimos cinquenta anos no Estado de Mato Grosso do Sul: o Ernesto Che Guevara, que abriga 640 famílias numa área de 9.972,1231 há e o assentamento João Batista com 208 famílias numa área de 3.6949,0530 ha, sendo que cada família possui 8 hectares para o cultivo individual e 4 hectares para o cultivo coletivo.

A escolha dos assentamentos João Batista e Ernesto Che Guevara foi decorrente de serem as primeiras famílias a ocuparem a área da Fazenda Eldorado, além do que foram resultados da luta por meio de acampamentos organizados pelo Movimento de Sem Terra (MST), na região de Sidrolândia, diferente dos demais assentamentos, que vieram na esteira das conquistas do MST, organizados pela Central Única dos Trabalhadores (CUT), a Federação dos Trabalhadores Agrícola (FETAGRI) e Federação Agricultura Familiar (FAF), de maneira que o acampamento nem sempre foi utilizado como tática na conquista do lote familiar, diferente do MST, que coloca a permanência no acampamento como obrigatoriedade para a conquista do lote.

É importante salientar que no início das ocupações da fazenda Eldorado as famílias dos dois assentamentos faziam parte do mesmo acampamento, o João Batista organizado pelo MST. Porém, no decorrer da luta as famílias sofreram dissidências a começar pelo nome do acampamento que foi colocado em discussão pelas lideranças,



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

queriam mudar o nome para Ernesto Che Guevara, assim como as divergências se aprofundaram na efetivação da ocupação do lotes, a começar pelo lugar que assentariam e a forma pela qual produziram nos seus lotes, individual ou coletivamente.

Também, ambos os assentamentos fazem parte do complexo da Fazenda Eldorado S/A, localizados há 30 quilômetro da cidade de Sidrolândia. Um imóvel rural com 28.500 hectares, que foi comprado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para fins de reforma agrária, no ano de 2005, por 179 milhões do Grupo Agropecuário Bertin, voltada para o setor de frigoríficos.

Outro aspecto relevante para ser salientado é a localização do município de Sidrolândia na geografia dos conflitos agrários presentes do Estado de Mato Grosso do Sul. Localizado há 70 quilômetros de Campo Grande, o município conta com 14,1% das famílias assentadas no Estado de Mato Grosso do Sul, ou seja, é um local marcado pela luta dos sem terra, com suas bandeiras e barracos, e por isso conta a maior presença de assentamentos rurais no Estado. Segundo dados do Ministério de Desenvolvimento Agrário (MDA), do ano de 2012, o município conta com a existência de vinte assentamentos rurais.

O município está localizado na região Centro-Oeste, situado no Estado de Mato Grosso do Sul. Podemos destacar três fatores que contribuíram para a configuração atual da região: primeiro a proximidade da capital de Mato Grosso do Sul, segundo a agropecuária que foi a atividade pioneira, uma vez que a geografia do lugar se caracteriza por um relevo plano, Sidrolândia pertence a região denominada de Campos de Vacaria. Por fim, destacamos que a região foi ponto de passagem para a ferrovia Noroeste do Brasil, inaugurada em 1914, que vinha de São Paulo via Campo Grande e tinha como objetivo interligar Mato Grosso ao litoral.

A instalação dos assentamentos ao longo da década de 1990 como o Capão Bonito, Geraldo Garcia contribuíram para a atração de migrantes oriundos de diversos município do Estado, assim como de diversos Estados brasileiros. Num período de doze anos a população de Sidrolândia passou de 12 mil para 48 mil habitantes, resultando



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

também no crescimento da zona urbana com o incremento do comércio e a instalação de algumas indústrias – têxtil e alimentos (corte do frango).

Antes da negociação com o grupo Bertin a fazenda foi propriedade de Paulo Eduardo de Souza Firmo, natural de Rio Grande do Norte (RN), que em 1968 adquiriu as terras e implementou um ousado projeto de criação do gado Nelory, caracterizado pelo melhoramento genético do gado zebu de descendência indiana.

A opção pelo zebu ocorreu em detrimento da linhagem europeia até então privilegiada pelos pecuaristas do Estado, uma vez que era considerado um tipo gado manso, de fácil manejo para a atividade de pastoreio. Em contrapartida, o zebu era visto como indomável, mas de rápido crescimento e maior produção de carne, ou seja, um empreendimento mais lucrativo na ótica empresarial, em consonância com o projeto militar estabelecido com o Estatuto da terra, aprovado em 1964, que priorizava a modernização do campo.

Ao longo da década de 1980 a fazenda foi se estabelecendo como modelo de empreendimento rural, marcada pela racionalização empresarial e a maximização do lucro na criação de gado. Tanto que a sede da fazenda foi exemplo de ostentação de poder, com sua imponência arquitetônica – uma casa com 9 suítes, toda revestida de madeiras de nobres; um imponente isolamento de segurança, com a blindagem de pesados portões de ferro; uma pista de pouso para avião; uma represa construída para geração de energia; além de piscina, sauna e o refinamento nobiliário característico de grandes fortunas, tais como chafarizes, cerâmicas especialmente vinda da França para adornar a muralha, que tinha a letra F/E como logotipo da fazenda cravada em toda sua extensão; também contava com uma plantação de eucaliptos, que vista de cima trazia o logotipo da fazenda, para facilitar o acesso aéreo.

Mesmo com a decadência do imóvel, pois a casa permaneceu há quase uma década sem manutenção, assim como sofreu depredação, ela ainda é símbolo de opulência na região, tanto que no ano de 2009 - sobre o poder do Incra, ela foi cenário para as gravações do filme “Cabeça a prêmio”, cuja narrativa traz o conflito entre dois



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

irmão pecuaristas do centro oeste, que controlam uma rede de negócios ilícitos (narcotráfico).

Com a morte do proprietário, na década de 1990, a viúva Franca Giordanelli Firmo continuou no comando da fazenda até meados do século XXI, quando colocou a venda, e comprada em 2003 pelo o Grupo Bertin e vendida para o INCRA em 2004. O processo de aquisição da fazenda pelo INCRA foi alvo de críticas por parte da sociedade civil, uma vez que o imóvel havia sido comprado pelo Grupo Bertin seis meses antes da negociação com o INCRA, por 79 milhões, e este pagou em menos de um ano, 179 milhões. Ou seja, ocorreu uma revalorização de mais de 100% do imóvel¹. Um requerimento elaborado por Geraldo Rezende e assinado por outros dois deputados da assembleia legislativa, exigiram explicações do Inca pela supervalorização da fazenda,

Com a venda ocorreu valorização no valor de R\$ 106,1 milhões, que está fora dos padrões do mercado imobiliário de Mato Grosso do Sul. Levando em conta as três aquisições, o INCRA pagou cerca de R\$6,2 mil por hectare, enquanto que de acordo com o mercado, o hectare da terra nua (sem benfeitorias) custa entre 2,5 mil e R\$ 3,5 mil naquela região.

Compreender o processo de venda requer caminhar mais pelos silêncios do que pelo dito, e menos ainda pelas fontes escritas. Este requerimento, assim como inúmeras notícias sobre as negociações do INCRA com o grupo Bertin, estão disponíveis nas redes sociais, contudo nada encontramos sobre o posicionamento da instituição sobre as negociações que ocorreram não somente com terras no município de Sidrolândia, mas também em Aquidauana, onde uma fazenda também foi comprada pelo INCRA das mãos do grupo Bertin para fins de reforma agrária. Mas a pesquisa está no processo de buscar caminhos para adentrar nas instituições responsáveis pela implementação da

¹ Requerimento de informação de 2007 impetrada pelos deputados Federais Geraldo Resende PPS/MS, Dagoberto Nogueira do PDT/MS e Waldir Neves do PSDB solicitando esclarecimento para o Ministério de Desenvolvimento Agrário, In <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/439719.pdf>, retirada no dia 14/08/2104



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

reforma agrária e encontrar documentos que elucidam que a participação do INCRA na compra de terras para fins de reforma agrária.

Devido às dimensões da fazenda a operação de compra foi realizada em três etapas, pois a existência de uma lei federal que assegura que um imóvel rural adquirido para fins de reforma agrária acima de 10 mil hectares não pode ser quitado em menos de 20 anos. Portanto, uma maneira de acelerar o pagamento foi partilha-la em três áreas para a negociação.

Em janeiro de 2005 ocorreu a compra de 9 mil hectares, onde foi criado o assentamento Ernesto Che Guevara e o assentamento João Batista; em julho de 2005 o INCRA adquiriu a parte restante da Fazenda Eldorado com 9,6 mil hectares e a Fazenda Alambari de 8,2 mil hectares, criando os assentamentos Eldorado II com 777 famílias, Alambari FAF com 204 famílias, Alambari Fetragri com 155 famílias, Alambari CUT com 230 famílias; e em 2006 ocorreu a terceira negociação, onde está o assentamento Eldorado Parte, com 70 famílias assentadas. Por fim, o imóvel que outrora foi propriedade de uma única família, agora estava partilhado entre 2.200 famílias.

1 - A HISTÓRIA ORAL DE VIDA E A MONTAGEM DA REDE DE COLABORADORAS

A primeira dificuldade encontrada na pesquisa foi a disponibilidade de fontes, uma vez que as vozes femininas são escassas nos arquivos oficiais, nas instituições e até mesmo nos movimentos sociais. O alijamento das mulheres do espaço público vem de longa data. Sobre o silenciamento imposto as mulheres, escreveu Michelle Perrot

O silêncio é um mandamento reiterado através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e pelos manuais de comportamentos. Silêncios das mulheres na igreja ou no templo; maior ainda na sinagoga ou na mesquita, onde elas não podem nem mesmo penetrar na hora das orações. Silêncio nas assembleias políticas povoadas de homens que as tomam de assalto com sua eloquência masculina. Silêncio no espaço público onde sua intervenção coletiva é assimilada à histeria do grito e uma atitude barulhenta demais como a da vida “fácil”. Silêncio até na vida privada, quer se trate do salão do século 19 onde calou-se a conversação mais igualitária da elite das Luzes,



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

afastadas pelas obrigações mundanas que ordenam que as mulheres evitem assuntos mais quentes – a política em primeiro lugar – suscetíveis de perturbar a convivialidade, e que limem às conveniências da polidez. “Seja bela e cale a boca”, aconselha-se às moças casadoiras; para que evitem dizer bobagens ou cometer indiscrições. (PERROT, 2005, p 10)

O alijamento das mulheres do espaço público vinha de longa. Conforme escreve Michelle Perrot, o século XIX consolidou a separação de espaço público e privado, além de ter reservado a esfera pública aos homens e a privada às mulheres. A primeira história de vida coletada em pleno século XXI, confirmava essa separação. Durante a entrevista a assentada mostrou-se bastante assustada diante do gravador, falar era algo que a amedrontava, estava imóvel na poltrona, parecia que o gravador era uma arma apontada, que a qualquer momento poderia disparar.

Diante do incômodo, expliquei que a presença do gravador era necessária, por que somente assim poderia colocar no papel sua história de vida com os detalhes narrados. Então ela me respondeu, “*Sabe que é, eu tenho uma cisma, por que eu acho que assim, tem que falar bonito por causa que a gente não sabe muito bem falar, então a gente tem que treinar pra falar, por que a gente fica meio embananada*”²

O sentimento de ficar *embanada* era desdobramento do medo de falar dentro da sua casa³ para um público que ela não conhecia em profundidade. Tinha certeza que a pesquisadora portava a anuência da madre⁴, que também era sua professora de

² Entrevista realizada com Lindinalva de Oliveira Silva Ferreira no dia 22/01/2004, no assentamento Eldorado I “Che Guevara, no lote 20.

³ A entrevista foi realizada na sala da casa, que era de alvenaria, pois haviam recebido uma ajuda federal para iniciar sua construção. Era um imóvel com um quarto, sala, cozinha (bastante pequena) e banheiro, ainda faltava o acabamento da construção – não tinha reboco, o chão ainda rústico de tijolo, sem laje. Dona Nalva falou nos sobre mais uma parcela que estava para ser liberada para finalizar o acabamento da casa.

⁴ O início da montagem da rede das assentadas ocorreu com a colaboração de duas freiras, missionárias e residentes na sede da Fazenda Eldorado, que nos conduziram até as mulheres assentadas que tinham vivido a condição de acampamento. Regina Célia além de missionária era também professora de matemática na escola localizada na sede da fazenda no Assentamento Eldorado II, a qual atende alunos dos sete assentamentos da fazenda; e Wanda que exercia a profissão de enfermeira responsável pelo Posto de Saúde, também localizando no assentamento Eldorado II. Ambas possuíam uma inserção dentro da comunidade católica nos diversos



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

matemática e de violão, e isto era um alento para confiança e possibilidade de tecer sua história de vida. Contudo, a proposta dela narrar sua história sem interrupções para perguntas a deixou muito insegura, afirmando “*que a gente não sabe muito bem falar, então a gente tem que treinar para falar*”, ela não tinha esse treinamento, já tinha ido para eventos de mulheres, mas ainda não havia falado, apenas posado para a fotografia, que servia para de propaganda do movimento, sobre a participação das mulheres. Sobre isso narrou,

Por que na verdade no Sem Terra a gente tinha entrevista, só que assim eu mesma nunca, nunca fui na frente falar, nunca foi gravado assim sabe. As mulheres faziam assim, até agora em Dourados, eu fui uma vez em Dourados. Aí elas tiraram a foto da gente, para assim quando ter um dia internacional da mulher né, aí elas ponham lá, então elas pegam as pessoas companheira do acampamento, do assentamento, Então eles pegam desde da bebezinho, e pega até hoje.

Seu despreparo não era a casualidade, ou parte da natureza feminina, mas fruto de um silenciamento imposto às vozes femininas. Não podemos esquecer que o espaço doméstico no qual está autorizada para representar, não a habilitava para ordenar e sistematizar discursos fora do âmbito doméstico, por isso suas falas são vetadas, são vistas como não dotadas de racionalismo e afeita ao sentimentalismo, pouco informativa.

O medo de falar feio, *embanado* nas palavras de Nalva, fora do espaço doméstico, era resultado de um silenciamento imposto às mulheres por diversas instituições que sempre reiteram a necessidade de descrição das mulheres, de calar-se já que não são consideradas habilitadas pelo grupo para falar de política. Talvez seja por isso que a entrevista ocorreu com interrupções do seu marido e de um líder do assentamento que permaneceu no espaço onde estava ocorrendo a entrevista, deixando visivelmente a entrevistada constrangida. Aliás, a interrupção das entrevistas pelos

assentamentos da fazenda, mas também não podemos esquecer que suas respectivas profissões ampliavam o raio de acesso dentro das assentadas.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

maridos, parece algo recorrente na pesquisa até então, principalmente quando o marido está presente no momento da entrevista.

Portanto, na busca pelas práticas femininas optamos por caminhar pela propositura da história oral, enquanto fonte primária de pesquisa histórica. Aproveitando-se das contribuições da sociologia, e em especial da antropologia, a pesquisa de campo, tem como perspectiva a escuta das histórias de vidas de mulheres assentadas, por meio de entrevistas previamente agendadas e gravadas.

A partir da sua história de vida as mulheres assentadas narram suas experiências enfatizando o antes e o depois da titulação da terra, as lembranças vividas na travessia do acampamento para o assentamento sob alguns aspectos, como por exemplo, o sexual, o político, o econômico e o cultural, ou seja, as experiências que elas consideram relevantes para serem narradas e nesse processo de rememoração nada deve ser considerado supérfluo. Neste tipo de abordagem, a oralidade acontece com o mínimo de interferência do pesquisador: as mulheres narram suas vidas, a partir da seleção dos acontecimentos que elas consideram importantes de serem rememorados.

1.1 – COTIDIANO, MEMÓRIA E ESCOLARIZAÇÃO.

A abordagem de gênero permite adentrar na força do cotidiano e do privado, uma vez que este é o espaço “reservado” para a atuação feminina. Nesse sentido, o estudo de gênero possibilita identificar as tradições e as resistências, que as mulheres por meio de práticas sociais e individuais, foram criando ao longo de suas trajetórias de vida, na travessia do acampamento para o assentamento. Dessa maneira, buscamos na atuação das mulheres a compreensão política de sua atuação prática, mesmo por detrás de uma aparente submissão ou passividade.

É na perspectiva de Boaventura que pensaremos o cotidiano,

Por que os momentos são “locais” de tempo e de espaço, a fixação momentânea da globalidade da luta é também uma fixação localizada e é por isso que o cotidiano deixa de ser uma fase menor ou um hábito descartável para passar a ser o campo



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

privilegiado de luta por um mundo e uma vida melhores. Perante a transformação do cotidiano numa rede de sínteses momentâneas e localizadas de determinações globais e maximalistas, o senso comum e o dia-a-dia vulgar, tanto público como privado, tanto produtivo como reprodutivo, desvulgarizam-se e passam a ser oportunidades únicas de investimentos e protagonismo pessoal e grupal. Daí a nova relação entre subjetividade e cidadania. (BOAVENTEURA, S, S., 2010, p.261)

Assim, o estudo do cotidiano da vida das mulheres se constituirá em importante manancial para a realização da pesquisa, na medida em que ele é composto de ideias, percepções e opiniões, mas também de fatos de domínio público e privado, além de ser resultante de relações sociais, das regras de organização e das diferentes concepções acerca da reforma agrária e da própria noção de assentamento rural. Nele percebemos as resistências e lutas que os personagens teceram em resposta as determinações globais que nos fala Boaventura.

Portanto, tenho como foco de pesquisa o cotidiano como uma opção teórico-metodológica, visa não apenas a história local, mas pretendo entender o processo histórico na luta pela terra num perspectiva de gênero, na passagem do século XX para o XXI, mais especificamente nas últimas cinco décadas.

As vozes das mulheres serão o norte da pesquisa: suas histórias de vida serão gravadas, transcritas e transcriadas⁵. É o processo de confecção da fonte histórica, na qual pesquisada e pesquisadora estabelecem uma relação de convivalidade, momentos no qual a narrativa vai sendo recolhida no gravador, depois transcrita do áudio para o papel e por fim devolvida para o entrevistado. Processo entremeado por inúmeros encontros, permeados por desconfortos e de confidências, algumas ditas, outras gravadas e algumas reveladas na ordem do não dito. Nesse sentido, a construção das narrativas de vida das assentadas, é resultado de um trabalho de campo que

⁵A transcrição é a última etapa na confecção da História Oral de Vida que pressupõem a organização do texto transcrito, que ainda está na ordem da linguagem oral, carregado de repetições, erros gramaticais despreocupação com a linearidade da narrativa -, organizando o segundo as normas gramaticais, assim como a organização do tempo cronológico das memórias narradas, para serem devolvidas para as mulheres assentadas.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

paulatinamente vai consolidando a teia de entrevistadas que irão compor o trabalho de pesquisa.

A oralidade enquanto fonte primária possibilitará a análise da participação das mulheres na luta pela terra, na medida que são percebidas como guardiãs do espaço privado. Enquanto sujeito da escuta prioritária na pesquisa serão indícios para pensar as permanências e as rupturas no que tange aos papéis sociais engendrados pela política de reforma agrária.

Assim, as práticas femininas são vistas na pesquisa como transmissoras da arquitetura cultural de um grupo e a memória das mulheres está nas palavras! Afinal o acesso das mulheres camponesas à escrita é impedido por inúmeros mecanismos sociais. Dona Nalva testemunhou um deles,

Meu pai nunca deixava a gente estudar, se começasse a estudar ele já falava que a gente estava querendo estudar pra começar a namorar, por que as filhas mulheres dele não eram pra ter estudo, por que a filha mulher dele era pra trabalhar na roça, não era pra estudo. Então a gente trabalhou muito, desde a gente criança.⁶

Enquanto camponesas não tiveram acesso à educação formal. Nas zonas rurais, a não valorização da escola ocorre com mais intensidade que nas zonas urbanas. Na reprodução da família camponesa, o confinamento das mulheres no espaço doméstico dispensa a escola.

As narrativas das mulheres contrastam com as masculinas, esta pouco afeita a rememoração da vida privada, já as lembranças femininas são portadora de fartas recordações da vida íntima, coloridas lembranças do espaço doméstico a que foram confinadas. Daí a relutância de considerar o relato oral, permeado pela subjetividade como pernicioso para a pesquisa científica, ou seja, inútil para analisar o meio sócio cultural no qual os personagens estão inseridos.

Contudo, percebemos a memória dos testemunhos do presente, como fruto da elaboração de indivíduos que trazem nas entrelinhas as lembranças da presença do

⁶ Idem. op.cit.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

social, do coletivo e, por isso, o uso da memória como chave da inteligibilidade do passado. Portanto, iremos conduzir o trabalho de pesquisa a partir do pressuposto teórico que ratifica a possibilidade de captar o coletivo, no caso o assentamento, a partir das memórias individuais das mulheres assentadas no João Batista e no Ernesto Che Guevara.

Também, é importante salientar que o objetivo da pesquisa não é o de trazer a memória das mulheres para a esfera da comemoração, da celebração, que relata apenas as lembranças vitoriosas, mas sim tomá-la como um elemento dinâmico para se pensar a questão de gênero dentro de um contexto mais amplo, o da problemática agrária no Estado de Mato Grosso do Sul, nos últimos cinquenta anos no Brasil.

O caráter narrativo dos depoimentos supõe recordações e esquecimentos, presenças e ausências, as quais são vitais para a compreensão dos processos históricos nos quais as assentadas estão inseridas. Sobre isso alerta-nos Robert Frank,

É certo que, na construção da fonte oral, há solicitação da memória daquele que depõe. A memória como fonte para o historiador é insubstituível em muitos casos, mas ela é também geradora de erros, de mitos, de mitologia e, evidentemente, o historiador tem muito o que fazer para corrigir e desmistificar. (FRANK, 1999, p. 107)

Assim, o caminho a ser percorrido nesta pesquisa é o de tomar a memória como objeto de investigação. As narrativas memorialísticas servirão como objeto de análise crítica e metodológica da história, quando buscaremos cotejá-las entre si, como um documento histórico. O fato das entrevistas estarem permeados pela subjetividade das mulheres impõe-nos outra questão: a de que sejam fontes de pesquisa válida para o historiador. A respeito deste problema, Marieta de Moraes Ferreira explica que,

Deve ser mencionado ainda que a preocupação com as denúncias de falsificações, desvios e ocultações, retomadas como princípios básicos da tradição disciplinar da História, não leva a desvalorização dos depoimentos orais considerados por alguns como subjetivos e distorcidos, mas pode reincorporá-los através do estudo do porquê das falsificações e dos usos políticos do passado e do presente. Pode-se também obter depoimentos orais fidedignos através de procedimentos de contraprova. (FERREIRA, 1996, p. 19)



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

A subjetividade das histórias de vidas é de vital importância para análise do processo histórico, pois as falsificações, as omissões e repetições serão elementos preciosos da pesquisa, na medida em que tais ocorrências nos levam a investigar o porquê das ausências, presenças e falsificações da memória. Como nos disse dona Nalva ao finalizar sua história de vida *“Eu espero que as pessoas que ouvem essas coisas que eu estou falando aqui, não é besteira é tudo realidade que aconteceu na nossa vida.”*

Sobre a subjetividade da história de vida, Maria Isaura afirmou em seu trabalho sobre as *“Variações sobre a técnica de Gravador no registo da Informação Viva”* que tudo que o pesquisador recolhe nas narrativas *levam-nos aos valores inerentes aos sistemas sociais*, por isso é matéria bruta que carece de análise, inferências, explicações.

Não se nega mais, também, que mesmo uma única história de vida possa ser objeto de um estudo sociológico aprofundado e frutífero. Todo fenômeno social é total, dizia Marcel Mauss na década de 20; o indivíduo é também fenômeno social; aspectos importantes de sua sociedade e do seu grupo, comportamentos e técnicas, valores e ideologias podem ser apanhados através de sua história. (QUEIROZ, 1991, p.14)

A subjetividade perdeu o estigma de ficção, de invenção, de inverdade, para ganhar o estatuto de fonte passível de análise histórica. Seu aspecto parcial não a inviabiliza como fonte, e como todo documento carece da crítica interna. É a crítica da fonte que permite ao historiador da oralidade perceber os elementos da história individual conectada com a história de um grupo, de uma classe, de uma nação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, as histórias de vidas das assentadas de João Batista e Ernesto Che Guevara, embora possuam as particularidades, na qual cada personagem viveu ‘sozinho’ suas memórias guardam o convívio com o social, elas nos falam de Sidrolândia, de reforma agrária, de Mato Grosso do Sul e do Brasil: dos sem terra que padeceram na luta pela conquista do lote, para viabilizarem a reprodução da família.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

Vemos a memória enquanto a prova da presença do passado no presente é o elo que assegura a passagem do tempo, a perpetuação da tradição. Nas palavras de Henri Roussou, “ *Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao “tempo que muda”, às rupturas que são o destino de toda vida humana, em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros.*” (ROUSSOU, 2005, p. 94-5)

Por um lado, a memória das assentadas assegura a identidade, já que ela propicia a formação de grupos sociais, assim como sua continuidade, ao despertar nos indivíduos o sentimento de unidade social, unificando sujeitos que têm base comum e comungam as mesmas práticas culturais. Assim, a memória das mulheres assentadas mostra-nos a identidade do Sem Terra, suas narrativas trazem a ocupação da terra, como uma guinada em suas vidas: o orgulho de ser sem terra está acima das divergências entre os diversos grupos presentes no assentamento.

Assim, as referências ao passado ocorrem para definir a coesão do grupo, de maneira a possibilitar a continuidade e a coerência de um grupo em sua reconstrução de si – os Sem Terra. Contudo, ao demarcar o lugar do eu, simultaneamente, estabelece oposições em relação ao outro: a terra de trabalho se contrapõe ao outro que é a terra de negócio, das grandes máquinas, do agrotóxico, dos grandes lucros.

Outra particularidade na análise parcial das memórias narradas foi a conquista da escola como corolário da conquista da terra. As lembranças colocam a escolarização como elemento dinâmico que propiciou mudança na sua condição de mulher, na travessia de sem terra para assentada. Luzia foi a que mais estruturou a história de vida atrelada primeiro à luta pela escola e depois pela terra. Assim ela nos relatou,

Chegou um tempo que eu falei “*Não dá mais!*” Aí fui tentando fugir do casamento, por que eu tinha a compreensão de que precisava educar os filhos, e ele em momento nenhum; ele queria só trabalhar, trabalhar... Então apareceu o acampamento, o pessoal do assentamento fazendo cadastro. Corri para ir lá me informar com o pessoal, mas eu queria se livrar do casamento, já não dava mais para tentar consertar, eu queria salvar os filhos, levar os filhos e conseguir uma educação



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

para eles. Aí eu fui. Cheguei lá e perguntei "*tem escola?*", "*Tem escola!*", "*Como que eu faço para conseguir um pedaço de terra, alguma coisa para o meu filho? Pode mulher sozinha?*" "*Pode!*" Foi ai que eu fui era o dia 17 de abril, no dia da Liga Camponesa, em Rio Verde.⁷

A consciência de Luzia sobre a importância da escolarização estava ligada à proximidade da cidade que não poderia ser ignorada. Os filhos precisavam manejar a comunicação com o mundo urbano: a escrita. Em todas as entrevistas realizadas, a luta pela escolarização revela-se como uma presença nas histórias de vida. marco das narrativas, conquistada no assentamento, quando a possibilidade de terminar o ensino fundamental e médio parecia como realidade, assim como a perspectiva dos cursos superiores, que apareceram nas narrativas

Portanto, a luta pela terra presente no acampamento do MST se retroalimentava do sonho da escola que as mulheres nutriram. Uma vez conquistada a terra, no assentamento a luta continuava por novos caminhos, sendo a educação uma das lutas sucessoras. Roseli Caldart ressaltou a educação dentro do Movimento dos Sem Terra usando a metáfora "o MST e a ocupação da escola":

Analisando, pois, a história da educação (escolar) nos acampamentos e assentamento, é possível afirmar também que a relação entre os sem-terra e a escola é, ao mesmo tempo, geradora e produto do trabalho do MST neste campo. Foi exatamente a existência dessa relação, já durante o processo de gestação do Movimento, que acabou exigindo que a organização coletiva a assumisse como tarefa⁸

Saber que no assentamento poderia ter acesso a escolarização dos filhos foi um alento para as frustrações de Luzia que, vítima de violência doméstica havia registrado dois boletins de ocorrência nas delegacias de Rio Verde, agora via no acampamento a possibilidade de assegurar a escola que lhe foi negada na infância, pois achava terrível a possibilidade dos seus filhos repetirem a sua história de vida, assim como a

⁷ Entrevista realizada no dia 20/03/2014, no assentamento Eldorado I Che Guevara

⁸ CALDART, Roseli Salet, Pedagogia do Movimento, 3. Ed. São Paulo: Expressão Popular; 2004, p.226



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

possibilidade de se desvencilhar das violências do marido, já que nem a polícia e nem a família do marido conseguia assegurar sua integridade física.

É notório nas memórias coletadas o acesso a escola como realização fruto do empenho do movimento dos sem terra (MST), quase que cumprindo uma providência divina, como descreveu Luzia,

No ano passado veio a escola e veio o pessoal convidando para escola, que iria ser construída e eu falei " *Meu Deus do céu é tudo que eu estava esperando, quanto tempo eu esperava por essa oportunidade é para já!*" O ônibus passa aqui cinco e pouco da tarde para à escola, muita gente fala "Ah, mas se fosse eu não iria cinco e pouco", e eu respondo "Eu vou! E feliz ainda." Volto com sono, mas volto feliz, volto meia noite e pouco, eu durmo pouco, estou dormindo pouco, por que levanto cedo no outro dia cinco horas, mas nossa eu estou feliz da vida, por que eu fui e terminei o sexto e sétimo ano, coisa que eu nunca tive na minha vida.

Pois se você quer saber eu nunca tinha arrumado um caderno desses grandes, na época era só caderninho, Nunca tinha pegado num caderno de dez matérias, limpinho, aquela caneta limpinha, aquela borracha limpinha e ir pra escola: eu tive essa oportunidade de ir, de estudar, junto com todo mundo lá, toda a turma animada na escola, e chegar ao final do ano eu passar, e hoje estar aqui.

Por fim, a memória das assentadas revela o potencial de mobilização que o sonho da escola representava. Ter acesso ao letramento fazia parte da conquista dos direitos negados. A preocupação das mulheres nos faz pensar as estratégias de reprodução do grupo familiar. A escola se tornava um instrumento importante para essas mulheres que nasceram na roça, não a frequentaram por diversos motivos, mas acima de tudo por uma questão de gênero, já que o direito a ela lhes havia sido negado por inúmeras determinações sociais.

A ausência da escola na infância das assentadas se contrapunha a presença em suas memórias, fazia parte das lembranças que salientam as frustradas tentativas de escolarização na infância e adolescência. O assentamento representava na memória das assentadas a concretização do sonho da escola não somente para os filhos, mas também para elas que agora nas palavras de Luzia tinha direito ao caderno de dez matérias e não



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

mais um caderno de brochura, que ela chama de caderninho, nas épocas de perambulações, quando ainda era sem terra.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY Mirian & RUA Maria das Graças. *Companheiras de luta ou coordenadora de panelas? As relações de gênero nos assentamentos rurais*. Brasília : UNESCO, 2000.

CHAUVEAU Agnes & TETART Philipee Org. *Questões para a história do presente*; Tradução Ilka Stern Cohen – Bauru, SP : EDUSC, 1999,

FARIAS, M. de F. Lomba, *As representações sociais: algumas reflexões sobre a participação feminina nos assentamentos de reforma agrária*. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História – Londrina, 2005

HALBWACHS, Maurice, *A memória Coletiva*, 4ª Edição, São Paulo : Centauro, 2006

FERREIRA Marieta de Moraes & AMADO Janaina. *História Oral Uso & Abuso da*

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 5ª.Ed. São Paulo, Edição Loyola, 2005

_____(Org.) *(Re)introduzindo História Oral no Brasil*, São Paulo : Xama, 1996.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol. 2,n.3, 1989, p.3-15

_____*Memória e Identidade Social*. In. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v5, a10, 1992, p-200-212

PERROT, Michelle, *Os Excluídos da História*. 3ªEd. São Paulo, Paz e Terra, 2001.

_____*As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP : EDUSC, 2005

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de, *Variações sobre a Técnica de Gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A. QUERIROZ, 1991

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 13ªEd. São Paulo: Cortez, 2010



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS

SCOTT, Joan, História das mulheres. In., A Escrita da historia, . BURKE, Peter (org). São Paulo. Editora. UNESP, 1992, p. 63-95.

| _____. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Jul-Dez. 1995, Vol. 20, (2), p. 71-99.



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8° ENEPE UFGD • 5° EPEX UEMS